

Violência doméstica e seu impacto sobre o desenvolvimento social e emocional de crianças pequenas

Katherine M. Kitzmann, PhD

University of Memphis, EUA

Agosto 2007, Éd. rév.

Introdução

Estatísticas populacionais dos Estados Unidos indicam que 29,4% das crianças de lares biparentais vivem em uma família na qual ocorreu violência entre os pais no decorrer do último ano.¹ Mesmo quando as crianças de lares violentos não são o alvo direto do abuso, frequentemente são envolvidas na violência de seus pais de outras formas que as colocam em risco.² As crianças correm riscos físicos quando intervêm nos conflitos entre os pais, ou são envolvidas acidentalmente no “fogo cruzado”. É possível também que sofram estresse psicológico, especialmente quando são colocadas na posição de denunciar a violência às autoridades e, até mesmo, de testemunhar contra um dos genitores em procedimentos legais. Esse sofrimento pode ser agravado por tentativas dos pais de culpar a criança por seus conflitos e suas agressões.

Do que se trata

É importante dar atenção ao testemunho de crianças, porque a violência doméstica é mais provável em famílias com filhos, e especialmente com filhos menores de 5 anos. A violência é mais frequente na relação inicial de convivência doméstica, quando as crianças são pequenas.³ Crianças que vivem em lares violentos costumam assistir, ouvir e intervir em episódios de violência doméstica.^{2,4,5}

Há evidências crescentes de que crianças que presenciam violência doméstica correm risco de enfrentar diversos problemas psicossociais. Na verdade, os problemas observados nessas crianças são semelhantes àqueles observados em crianças que são vítimas diretas de abuso físico.³ Uma vez que testemunhar violência doméstica pode aterrorizar as crianças e perturbar significativamente sua socialização, alguns especialistas passaram a considerar a exposição à violência doméstica como uma forma de maus-tratos psicológicos.^{8,9,10}

Problemas

As crianças podem reagir de muitas maneiras diferentes ao presenciar violência doméstica: podem intervir, se isolarem ou se tornarem agressivas. Esses comportamentos podem ser adaptativos no contexto da violência familiar, mas são desajustados em outros contextos.¹¹ Crianças que presenciam violência doméstica correm risco de enfrentar diversos problemas psicológicos, emocionais, comportamentais, sociais e acadêmicos.^{7,12,13,14,15,16}

Nem todas as crianças expostas à violência doméstica apresentam níveis importantes de desajustamento.^{17,18} No entanto, essas crianças ainda podem vivenciar problemas menos severos que as colocam em risco de dificuldades psicológicas ou interpessoais posteriores.^{19,20} Por exemplo, podem ter atitudes inadequadas a respeito de violência como forma de resolver conflitos, podem ser mais propensas a utilizarem a violência, e podem ter crenças fortes de que são responsáveis pelos conflitos entre seus pais.²¹

Contexto de pesquisa

Resultados das crianças. Os primeiros estudos de caso com crianças que testemunharam violência doméstica tiveram início na década de 1970, e os primeiros estudos empíricos, na década de 1980. Poucos estudos focalizaram especificamente os efeitos observados em crianças muito pequenas. A pesquisa empírica inclui estudos correlacionais – que examinam as correlações

entre grau de exposição à violência doméstica e resultados da criança – e estudos de comparação de grupos – que comparam grupos de crianças que foram expostas à violência doméstica com crianças que não tiveram essas experiências. As consequências para as crianças são tipicamente definidas em função dos relatos dos pais ou da própria criança sobre problemas de internalização e externalização. Uma linha secundária de pesquisa examinou as respostas das crianças a incidentes simulados ou hipotéticos de conflito entre adultos em contextos de laboratório.

Tratamento. Programas de tratamento como o *Boston City Hospital's Child Witness to Violence Study* (Estudo do Hospital da Cidade de Boston sobre Crianças que Testemunham Violência) foram desenvolvidos para cuidar das necessidades especiais de crianças que testemunharam violência entre adultos.²² No entanto, há poucos relatos publicados de estudos com grupos controle que avaliem a efetividade desses programas.²³ Resultados promissores foram produzidos por um programa de dez semanas destinado a ajudar testemunhas de 8 a 13 anos de idade a desenvolverem formas mais efetivas para lidar com a violência doméstica e de responder a ela.^{24,25} Em comparação com o grupo controle, as crianças que participaram do programa melhoraram suas atitudes com respeito à raiva entre os pais e menor sentimento de responsabilidade pela violência entre eles. Outro programa – o projeto *SUPPORT* – também foi avaliado em um estudo randomizado. Dois anos depois do tratamento, as crianças que tinham 4 e 9 anos de idade quando participaram do programa apresentaram uma taxa significativamente mais baixa de problemas de conduta em comparação a crianças que receberam outros serviços já existentes.²⁶

Questões-chave de pesquisa

A agressão branda/moderada deve ser diferenciada de agressões mais graves? Em muitos estudos, formas mais extremas de violência (estrangulamento, pancadas) não são diferenciadas de formas mais brandas (empurrar, dar um tranco). Essa distinção pode ser útil, tanto em termos de documentação dos efeitos da violência quanto em termos de compreensão dos mecanismos subjacentes a esses efeitos.²⁷

Por quais mecanismos o fato de presenciar violência doméstica resulta em perturbação do desenvolvimento? A exposição a formas menos graves de agressão pode afetar as crianças por meio dos mesmos processos identificados na pesquisa sobre conflitos familiares em geral, incluindo efeitos diretos, devidos à falta de regulação comportamental e emocional das crianças, e efeitos indiretos, devidos a problemas com os cuidados parentais.^{19,28} Agressões mais graves tendem a ser traumáticas para as crianças, e por esse motivo os processos pelos quais produzem

efeitos podem assemelhar-se mais àqueles identificados nas pesquisas sobre abuso e negligência na infância do que àqueles identificados nas pesquisas sobre conflitos familiares.

De que forma devem ser medidos os resultados da criança? É importante documentar não só os níveis clínicos de angústia, mas também a angústia subclínica das crianças, assim como a resiliência diante da violência familiar.^{8,29} Resiliência deve ser definida não só como ausência de patologia, mas também como a presença de competência face aos estressores associados à agressividade entre os pais. Assim, é importante que pesquisas futuras avaliem as competências mais perceptíveis em cada estágio de desenvolvimento das crianças, tais como apego, relações com pares e adaptação bem-sucedida na escola.⁸

Resultados de pesquisas recentes

Kitzman e colegas desenvolveram uma meta-análise de 118 estudos empíricos que examinaram o ajustamento psicológico de crianças que testemunharam violência doméstica.⁷ Os resultados mostraram que 63% dessas crianças apresentavam piores resultados do que a criança média que não foi exposta à violência entre os pais. Seus problemas incluíam agressividade, ansiedade, dificuldades com pares de idade e problemas acadêmicos, todos em grau semelhante. Evidências limitadas de um pequeno número de estudos sugeriram maior risco para crianças em idade pré-escolar. Para crianças de todas as idades, foram observados níveis semelhantes de desajustamento naquelas que haviam presenciado violência doméstica, que tinham sofrido abuso físico e que tinham enfrentado os dois tipos de experiência.

Conclusões

Crianças expostas à violência doméstica estão em situação de risco devido a uma série de problemas psicossociais, mesmo quando não são o alvo da agressão física. Esses problemas são semelhantes àqueles observados em crianças que sofrem abuso físico, o que sugere que qualquer tipo de violência na família pode prejudicar o desenvolvimento da criança. Embora crianças pequenas sejam desproporcionalmente mais expostas à violência doméstica, poucas pesquisas focalizaram o ajustamento de crianças desse grupo etário. Há algumas evidências que sugerem que o risco é maior para crianças mais jovens, presumivelmente devido a suas limitações para a compreensão de conflitos e para desenvolverem estratégias para lidar com a situação. Poucos programas de tratamento foram testados em estudos randomizados. É necessário que as pesquisas incluam medidas mais precisas de violência – por exemplo, diferenciando agressões brandas e severas; múltiplos fatores de risco – por exemplo, utilizando controles para a ocorrência

de abuso de álcool pelos pais; e resultados – por exemplo, identificando angústia subclínica que pode colocar a criança em risco de problemas posteriores.

Implicações

Políticas.

As discussões referentes a definições consensuais de abuso na infância e à diferenciação entre abuso e maus-tratos na infância precisam ser ampliadas para incluir crianças que presenciam violência no lar, mas não são o alvo direto da violência.^{23,27} Essa questão tem implicações diretas para decisões sobre detenção policial, alocação de crianças e intervenção de serviços sociais em casos de violência doméstica.³⁰ Em 2001, os legisladores norte-americanos no nível federal propuseram o *Children Who Witness Domestic Violence Protection Act* (Decreto de Proteção à Criança que Presencia Violência Doméstica), mas não conseguiram aprová-lo. Versões mais brandas dessa legislação foram incluídas no *No Child Left Behind Act* (Decreto Nenhuma Criança Deixada para Trás) de 2002, e no *Keeping Children and Families Safe Act* (Decreto Mantendo Seguras as Crianças e as Famílias) de 2003, que oferecem financiamento para programas que se direcionam às necessidades de crianças que presenciam violência doméstica. Diversas províncias canadenses criaram dispositivos legais semelhantes.

Tratamento

As intervenções devem focalizar tanto os efeitos diretos da exposição à violência doméstica – por exemplo, ajudando as crianças a aprenderem a lidar com estressores associados à violência familiar – quanto os efeitos indiretos decorrentes de cuidados parentais ineficientes – por exemplo, ajudando os pais a oferecerem estímulo e disciplina consistentes, apesar dos transtornos provocados pela violência. Pode ser importante adotar uma abordagem multissistêmica de tratamento para lidar com as diversas influências sociais que aumentam ou reduzem os riscos entre crianças expostas à violência doméstica.³¹

Referências

1. McDonald R, Jouriles EN, Ramisetty-Mikler S, Caetano R, Green CE. Estimating the number of American children living in partner-violence families. *Journal of Family Psychology* 2006;20(1):137-142.
2. Fantuzzo JW, Boruch R, Beriama A, Atkins M, Marcus S. Domestic violence and children: Prevalence and risk in five major U.S. cities. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry* 1997;36(1):116-122.
3. O'Leary KD, Barling J, Arias I, Rosenbaum A, Malone J, Tyree A. Prevalence and stability of physical aggression between spouses: A longitudinal analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 1989;57(2):263-268.

4. Holden GW, Ritchie KL. Linking extreme marital discord, child rearing, and child behavior problems: Evidence from battered women. *Child Development* 1991;62(2):311-327.
5. Rosenberg MS. Children of battered women: The effects of witnessing violence on their social problem-solving abilities. *Behavior Therapist* 1987;10(4):85-89.
6. Osofsky JD. The effect of exposure to violence on young children. *American Psychologist* 1995;50(9):782-788.
7. Kitzmann KM, Gaylord NK, Holt AR, Kenny ED. Child witnesses to domestic violence: A meta-analytic review. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 2003;71(2):339-352.
8. McGee RA, Wolfe DA. Psychological maltreatment: Toward an operational definition. *Development and Psychopathology* 1991;3(1):3-18.
9. Peled E, Davis D. *Groupwork with children of battered women: a practitioner's guide*. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications; 1995.
10. Somer E, Braunstein A. Are children exposed to interparental violence being psychologically maltreated? *Aggression and Violent Behavior* 1999;4(4):449-456.
11. Emery RE. Family violence. *American Psychologist* 1989;44(2):321-328.
12. Fantuzzo JW, Lindquist CU. The effects of observing conjugal violence on children: A review and analysis of research methodology. *Journal of Family Violence* 1989;4(1):77-94.
13. Jaffe PG, Wolfe DA, Wilson SK. *Children of battered women*. Newbury Park, Calif: Sage Publications; 1990.
14. Kolbo JR, Blakely EH, Engleman D. Children who witness domestic violence: A review of empirical literature. *Journal of Interpersonal Violence* 1996;11(2):281-293.
15. Margolin G, Gordis EB. The effects of family and community violence on children. *Annual Review of Psychology* 2000;51:445-479.
16. Wolak J, Finkelhor D. Children exposed to partner violence. In: Jasinski JL, Williams LM, eds. *Partner violence: A comprehensive review of 20 years of research*. Thousand Oaks, Calif: Sage Publications; 1998:73-112.
17. Grych JH, Jouriles EN, Swank PR, McDonald R, Norwood WD. Patterns of adjustment among children of battered women. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* 2000;68(1):84-94.
18. Hughes HM, Luke DA. Heterogeneity of adjustment among children of battered women. In: Holden GW, Geffner R, Jouriles EN, eds. *Children exposed to marital violence: Theory, research, and applied issues*. Washington DC: American Psychological Association; 1998:185-221.
19. Cummings EM. Children exposed to marital conflict and violence: Conceptual and theoretical directions. In: Holden GW, Geffner R, Jouriles EN, eds. *Children exposed to marital violence: Theory, research, and applied issues*. Washington, DC: American Psychological Association; 1998:55-93.
20. Graham-Bermann SA. The impact of woman abuse on children's social development: Research and theoretical perspectives. In: Holden GW, Geffner R, Jouriles EN, eds. *Children exposed to marital violence: Theory, research, and applied issues*. Washington, DC: American Psychological Association; 1998:21-54.
21. Jaffe PG, Hurley DJ, Wolfe DA. Children's observations of violence: I. Critical issues in child development and intervention planning. *Canadian Journal of Psychiatry* 1990;35(6):466-470.
22. Groves BM, Zuckerman B. Interventions with parents and caregivers of children who are exposed to violence. In: Osofsky JD, ed. *Children in a violent society*. New York, NY: Guilford Press; 1997:183-201.
23. National Research Council. *Understanding child abuse and neglect*. Washington, DC: National Academy Press; 1993.
24. Jaffe P, Wilson S, Wolfe DA. Promoting changes in attitudes and understanding of conflict resolution among child witnesses of family violence. *Canadian Journal of Behavioural Science* 1986;18(4):356-366.

25. Wagar JM, Rodway MR. An evaluation of a group treatment approach for children who have witnessed wife abuse. *Journal of Family Violence* 1995;10(3):295-306.
26. McDonald R, Jouriles EN, Skopp NA. Reducing conduct problems among children brought to women's shelters: Intervention effects 24 months following termination of services. *Journal of Family Psychology* 2006;20(1):127-136.
27. Emery RE, Laumann-Billings L. An overview of the nature, causes, and consequences of abusive family relationships: Toward differentiating maltreatment and violence. *American Psychologist* 1998;53(2):121-135.
28. Owen AE, Thompson MP, Kaslow NJ. The mediating role of parenting stress in the relation between intimate partner violence and child adjustment. *Journal of Family Psychology* 2006;20(3):505-513.
29. Cicchetti D, Lynch M. Failures in the expectable environment and their impact on individual development: The case of child maltreatment. In: Cicchetti D, Cohen DJ, eds. *Risk, disorder, and adaptation*. Oxford, England: John Wiley & Sons; 1995:32-71. *Developmental Psychopathology*; vol 2.
30. Chalk R, King PA, eds. *Violence in families: Assessing prevention and treatment programs*. Washington, DC: National Academy Press; 1998.
31. Henggeler SW, Mihalic SF, Rone L, Thomas C, Timmons-Mitchell J. *Blueprints for violence prevention: Multisystemic therapy*. Boulder, Colo: University of Colorado; 1998.